

## **EUCLIDES DA CUNHA: DA TRAGÉDIA SOCIAL À QUESTÃO NACIONAL; DA CIÊNCIA À LITERATURA; DO DRAMA PESSOAL AO FUTEBOL; DO MUNDO FAMILIAR AO PÚBLICO MIDIÁTICO**

Sérgio da Fonseca Amaral (UFES)<sup>1</sup>

**Resumo:** Do grande escritor que foi Euclides da Cunha todos sabemos. De seu trágico desfecho na vida pessoal também conhecemos alguns pormenores. Contudo, como tal desenlace viria a afetar um importante clube de futebol do Rio de Janeiro pouco se sabe. Neste trabalho examino as tragédias pessoais do imbróglie Euclides da Cunha, Ana de Assis, Dilermando de Assis e seu irmão Dinorah (jogador do Botafogo e campeão de 1910). Este ensaio tem por norte a concepção de Raymond Williams, em *Tragédia moderna*, que entende tragédia não apenas como conceito de uma arte dramática específica, mas também como qualquer experiência humana que, embora pessoal, inevitavelmente é levada a acontecer por injunções sociais.

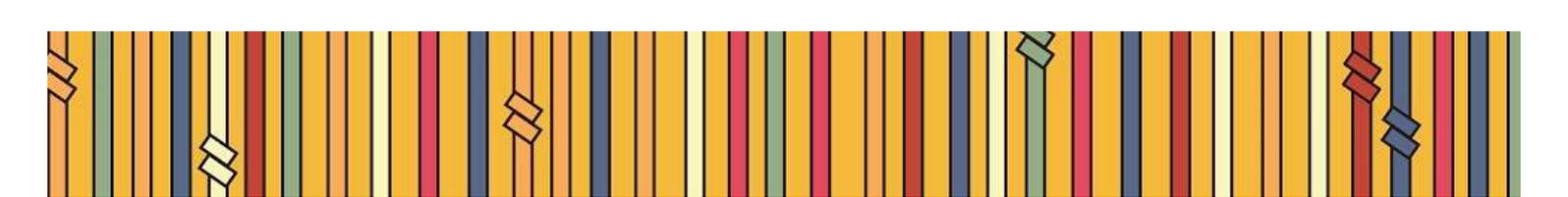
**Palavras-chave:** Euclides da Cunha; Tragédia familiar; Dinorah de Assis; Botafogo F. C.

Curioso o destino de certas pessoas. O de Euclides da Cunha, a julgar pelos relatos biográficos, foi turbulento, com pequenas e grandes reviravoltas. Da infância ao desfecho dramático, sua vida foi rondada pelo funesto: da morte da mãe por tuberculose, quando tinha apenas três anos de idade, até o seu assassinato. Desse modo, a sua vida é objeto de tortuosas narrativas e deixa perplexos aqueles que não imaginam um intelectual, ou um homem dedicado à ciência, derrotado pelas paixões, mais apropriadas, segundo a crença comum, à vida carnal do que à do espírito.

Desde os primeiros anos de idade, Euclides deambula por casas de familiares. Nascido em 1866, três anos depois perde a mãe; o pai, viúvo e com duas crianças, trabalhando de guarda-livros, não encontra maneira de criar os filhos senão enviá-los para a casa de parentes próximos. Assim, Euclides, natal de um pequeno distrito de Cantagalo, Santa Rita do Rio Negro, hoje Euclidelândia, no estado do Rio de Janeiro, passa a morar, junto com a irmã, na casa de uma tia em Teresópolis, no ano de 1870. Nesse ano também morre a tia, o que representaria a perda de uma segunda mãe, e vai residir com outra tia em São Fidélis, também no estado do Rio de Janeiro. Nos anos 1877-78, o pai muda-se para a cidade do Rio de Janeiro, ainda Corte e capital do império, e Euclides é enviado para Salvador viver com os avós maternos. No ano seguinte volta para o Rio de Janeiro, dessa vez para morar com um tio paterno.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria da Literatura (UFRJ). <scerjo@gmail.com>



Alternando tanto de residências e de familiares, é de se esperar que sua escolarização sofresse revezes, estudando em diversos estabelecimentos de ensino. Considerado um adolescente instável, transfere-se de colégio para colégio. No entanto, com apenas 18 anos, no Externato Aquino, funda o jornal O democrata em conjunto com colegas. Aí escreve um artigo já de natureza ecológica. Com 20 anos de idade ingressa na Escola Militar da Praia Vermelha, conhece Benjamin Constant e abraça a causa republicana. Em 1888 vive “o episódio da baioneta”, quando tenta quebrar o sabre e joga-o ao chão na revista da tropa feita pelo ministro da guerra da então monarquia. Tal façanha demonstra uma impetuosidade que o acompanhará a vida inteira. Com a proclamação da república no ano seguinte, é reintegrado à escola militar. Em 1890 casa-se com Anna Emília Ribeiro, que estava nos 15 anos de idade. Desencantado com os republicanos e com Floriano Peixoto, encerraria a carreira militar no ano de 1896, quando reforma-se na posição de primeiro-tenente. É efetivado nesse mesmo ano como engenheiro ajudante de 1ª classe na superintendência de obras públicas do estado de São Paulo. Em 1897, sob sua fiscalização, a ponte em São José do Rio Pardo é construída. 50 dias depois de inaugurada ela emborca e cai. Euclides, sentindo-se culpado e abalado, pede para reconstruí-la. Note-se que o engenheiro responsável pela ponte anterior não havia sido ele. Ainda em 1897, Euclides, sabendo das notícias sobre o arraial de Canudos, escreve dois artigos, chamados “A nossa Vendéia”, nos quais, acreditando que Antonio Conselheiro quisesse restaurar a monarquia, defendia a república veementemente. Em 16 de setembro desse ano já estava em Canudos para cobrir a campanha como jornalista de guerra. Em paralelo à vida pessoal de Euclides, cheia de idas e vindas, percebe-se a vida social e política brasileira bastante conturbada: a abolição da escravatura, a proclamação da república, o contragolpe de Floriano Peixoto e a ditadura florianista, a revolta da armada, querendo destituir o marechal, a política do encilhamento (uma onda de especulação financeira) etc. Euclides, homem de princípios éticos rígidos, patriota, intelectual, cientista, escrupuloso e impetuoso desgosta-se com tal cenário, embora sempre defendendo o regime republicano. Identificando-se com a instituição militar e com a república, vivendo distante dos acontecimentos de Canudos, sua primeira reação contra o movimento foi tachá-lo como obra de fanáticos. Para completar o pequeno quadro da vida pessoal e profissional, depois da reportagem e elaboração, o livro Os sertões é finalizado em 1901 e publicado em 1902. A essa altura, Euclides reside em

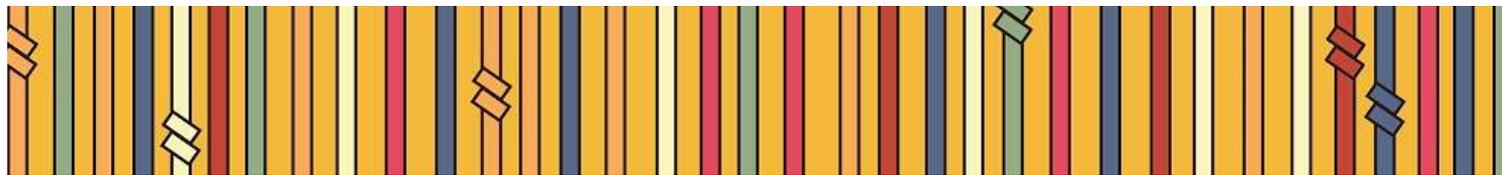


Lorena, SP. Em 1903, é eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em 1904, nomeado chefe da Comissão do Alto Purus, pelo Barão de Rio Branco, sobre a questão do Acre (seringueiros) entre Brasil e Peru, parte em agosto para o Amazonas. Regressa ao Rio de Janeiro só em 1906. Permanece como adido ao Ministério do Exterior até 1909, quando em julho do mesmo ano prestou concurso de Lógica para o Colégio Pedro II. Fica em segundo lugar, perdendo para Farias Brito, mas é nomeado pelo governo para assumir a cadeira. Porém, ministrou poucas aulas, pois foi assassinado em 15 de agosto desse ano por Dilermando de Assis, cadete da Escola Militar.

Os fatos biográficos – montados como curiosidade cronológica, mas visando a um clímax, que é cuidadosamente organizado por uma narrativa cujo desfecho já conta com a morte violenta do homem público – sempre deixam uma ponta de perplexidade diante do tipo de drama sofrido por alguém dedicado ao pensamento científico, racional, à linha reta (contradição meio perversa por coincidir seu destempero final com a assunção à cadeira de Lógica). Contudo, como sabemos, os fatos da vida de uma pessoa não pertencem só a ela, pois que estão enredados a outras, a sua sociedade e ao seu tempo. Nas cronologias feitas, elencando mais, ou menos, fatos, cria-se a sensação de um destino traçado por um roteiro que lhe escapou das mãos, suscitando o clima de tragédia. Como insinuou Dom Casmurro, atar as duas pontas da vida nos leva, inevitavelmente, a produzir uma verossimilhança narrativa. Evidentemente, ao selecionar e narrar, produzimos o personagem que nos parece mais adequado à interpretação que articularemos sobre uma determinada história. Desse modo, é tentador imaginar a vida pessoal de Euclides como a de uma personagem trágica.

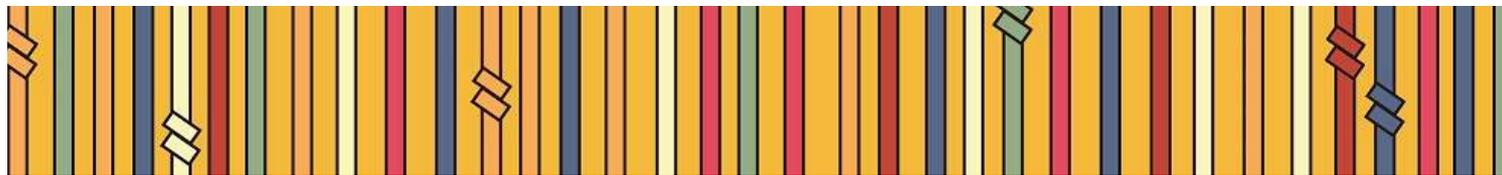
Euclides teve, como o Conselheiro, um fim trágico. Ambos foram construtores itinerantes, um de igrejas e cemitérios, o outro de pontes e estradas. Os dois tiveram o destino marcado pelo adultério das esposas, pela luta sangrenta de suas famílias contra seus inimigos e pelas posições que assumiram frente à República. Ambos tiveram fé, o líder religioso na força redentora da devoção e do ascetismo, o escritor no poder transformador da ciência e da filosofia. (VENTURA, acesso em: 09 de março de 2014).

Entretanto, a analogia não deixa de ter validade ao projetarmos certos paralelismos entre alguns desdobramentos do que lhe sucedeu. Aliás, diga-se de passagem, o próprio Euclides era afeito a fazer paralelismos históricos. Um exemplo evidente, já mencionado, é a comparação dos revoltosos de Canudos com a Vendéia, um



conflito acontecido na época da revolução francesa levado adiante por uma comunidade católica e monarquista contra a recém república instalada. Euclides, testemunha da Revolta da Armada, movimento feito para derrubar Floriano Peixoto, no qual seu sogro esteve envolvido, mirando os navios ao longe, compara o cenário ao de uma tragédia de Ésquilo. Mesmo em *Os sertões* os paralelismos fluem de forma abundante. Entretanto, podemos encontrar em cada semelhança a sua contradição. Assim, enxergamos o homem romanticamente apaixonado que, depois de casado, torna-se ausente da família por longos períodos; republicano de primeira hora, desgosta-se com a república implementada no país; militar, atua como engenheiro civil; cientista, escreve como um literato; pesquisador, trabalha como jornalista; moralmente e eticamente rígido, depende de benesses do estado para viver; escritor aclamado, depois de financiar a primeira edição de seu livro. Nessas confluências e desencontros não há como separar a vida privada da pública desse homem do início do século XX no Brasil.

A tragédia social brasileira vem sendo composta por muitas peças. Com a formação do estado republicano, os rearranjos políticos, como é natural acontecer no país, não se fizeram por esperar. Com golpes e contragolpes, a república se instala e leva adiante o projeto das elites reorganizadas sob a forma de um novo governo. Em cenário de confronto e de oportunidades, existem aqueles que acreditam de fato numa idéia e na possibilidade de uma sociedade cuja conformação se dê a partir de valores e crenças que rejam e tragam benefícios a todos. Por isso, as grandes abstrações e os grandes emblemas tomam conta do imaginário de grupos de pessoas voltadas para ações, normalmente, de ruptura com o *status quo*. Certamente, Euclides da Cunha pode ser incluído nesse grupo: desde o episódio do sabre (ou da baioneta) até a publicação de *Os sertões*, sua atitude foi de atacar a situação vigente. Contudo, ambigualmente viveu também tal sina. Insatisfeito em muitos aspectos com o país, procurou estudá-lo e conhecê-lo, modelando interpretações na expectativa de catapultar mudanças. Poucos anos antes de sua morte, tornou-se adido ao ministério Rio Branco, embora não se possa dizer dele que tenha sido um intelectual de gabinete, pois se lançava a campo para a pesquisa do objeto de interesse. Décadas antes, Euclides, convidado pelo jornal o Estado de São Paulo, vai para a região do conflito entre os conselheiristas e as tropas do governo.



A derrocada de Canudos iniciou-se em 1896, quando Antonio Conselheiro encomendou madeira em Juazeiro para a construção de uma igreja nova e cuja entrega não foi realizada. Houve boatos que os canudenses iriam armados para pegá-la; tropas do governo da Bahia são solicitadas e posteriormente derrotadas. Em seguida, mais forças vieram, até a quarta e última campanha, quando finalmente Canudos é dizimada. O relato do conflito e do massacre, além de ser importante por si só, também o é para revelar a reação sangrenta que os senhores da região tinham, e têm, quando uma ordem foge a seu controle. Pois, como se vê no pretexto do ataque, parece que em nenhum momento se cogitou uma saída conciliadora. Sendo Antonio Conselheiro monarquista ou não, revolucionário ou não, parece que de todo o modo sua comunidade tornou-se incômoda. Tanto aos senhores de terra, quanto à igreja oficial, que passou a ver nele um herege. Hoje alagada, houve uma intenção consciente de devastar Canudos e apagá-la da história. Não foi à toa que Euclides da Cunha, antes de publicar o seu livro o classificou como vingador. Assim, *Os sertões* transformou-se numa narrativa basilar para se apreender a violência latente que nutre os conflitos de classes da sociedade brasileira. Um livro ambíguo, que suscita debates intermináveis, é, ao mesmo tempo, um documento histórico e uma narrativa trágica da formação social brasileira.

Ao falar de sua obra magna, não devo deixar de levantar uma questão crucial que circunda a recepção e a interpretação, até nossos dias. Falo da relação conflitiva entre ciência e literatura que se encontra no texto euclidiano e os termos de valoração que se estabelece a partir disso. Tomando por base dois estudiosos do escritor, Luiz Costa Lima e Walnice Nogueira Galvão (1981), podemos sublinhar e problematizar tal hibridismo. Segundo Costa Lima, em *Terra ignota* (1997) e em *O controle do imaginário & A afirmação do romance* (2009), a intenção autoral, juízo formulado relendo-se cartas e respostas do próprio autor a outrem, seria nitidamente a de se escrever uma obra científica. Segundo o teórico, a literatura se apresenta no texto a despeito do autor e até em resistência a ele. A presença da marca do hibridismo é notada por diversos intérpretes: ou para enaltecer, ou para desmerecer o livro. Inicialmente, logo após a publicação, não faltaram partidários dos dois lados da contenda e, sobretudo, críticas advindas dos militares, ressentidos pelo ataque vigoroso efetivado por Euclides à postura do exército na campanha de Canudos. Segundo esses, o livro conteria uma série de erros, tanto factuais, quanto de observações sobre as manobras



táticas e estratégicas. Desse modo, o livro deveria ser reportado à manifestação da fantasia do autor, quer dizer: à “simples” literatura. Muito longe não ficariam os defensores e apoletas, pois, ao apontarem os aspectos literários, poéticos até, da obra, também tinham em mente a literatura no seu papel de ornamento, de embelezamento e de floreios escriturais. Em outras palavras: era (e é) o nosso velho beletrismo em ação. Desse modo, não só *Os sertões* deve ser lido e estudado, mas também sua recepção por levantar e exemplificar de maneira prática e clara a maneira como o discurso ficcional (e a arte de forma geral) é encarado por uma grande maioria no Brasil (e não só). Sob tal ponto de vista, a arte existe num paradoxo: bela, porém inútil; importante, porém supérflua. Com isso, a ambigüidade escritural de *Os sertões* serve de mote para tentarmos compreender melhor o papel real da ficção no mundo. Sendo ainda nosso contemporâneo, sua força adviria de sua ficcionalidade narrativa ou de sua narrativa historiográfica? Creio que a resposta mais correta seria aquela que tomasse tal hibridismo como o fator fundamental, não só de *Os sertões*, mas de qualquer enfoque que se queira dar ao papel do discurso ficcional. Mesmo um pesquisador contemporâneo – desaparecido não faz muito tempo, chamando a atenção para o trânsito da obra entre a ciência (naturalismo e evolucionismo), a história e a literatura (o fatalismo trágico) – estratifica as áreas de forma a mantê-las cada qual em seu lugar, ratificando, com sagacidade, a visão hierárquica que a conteria (VENTURA, acesso em: 09 de março de 2014). Retornando a Luiz Costa Lima, se há uma intenção euclidiana nitidamente científica, por outro lado, existiria uma resistência textual que realocaria a obra em outro patamar. Desse modo, tal híbrido estaria dentro de um tipo de texto inclassificável, assim como em Nietzsche e Mallarmé. A diferença em Euclides seria a sua inabalável crença na ciência, e a sua obra o teria resistido. De qualquer modo, a presença de *Os sertões* na cultura brasileira ultrapassa não só a intenção autoral, mas alguns de seus próprios intérpretes, por quererem imobilizar a obra com a camisa de força das concepções apriorísticas dos gêneros discursivos.

Entretanto, hibridismos e ambigüidades não se restringiam apenas à sua vida e obra, mas também ao país patriarcal, patrimonialista, com ânsias modernizadoras, normalmente geradores da extrema violência que campeia o Estado sobre as camadas populares. Homem público, votado à ciência e à busca constante de um compasso, foi apanhado pela fúria e abatido em duelo passional. O citado professor Roberto Ventura o



compara aos heróis trágicos, talvez por encontrar nele aquela fuga vã do destino que o esperava nas forquilhas dos caminhos. Nascido numa região serrana do interior do Estado do Rio de Janeiro, habitante do litoral, Euclides deparou-se com uma personagem do sertão nordestino que a fortuna encarregou-se de providenciar num encontro decisivo. Tal fato assinalaria, e que despertou a consciência de Euclides, a confluência e o choque de brasis muito diferentes, conflitantes e irreduzíveis entre si.

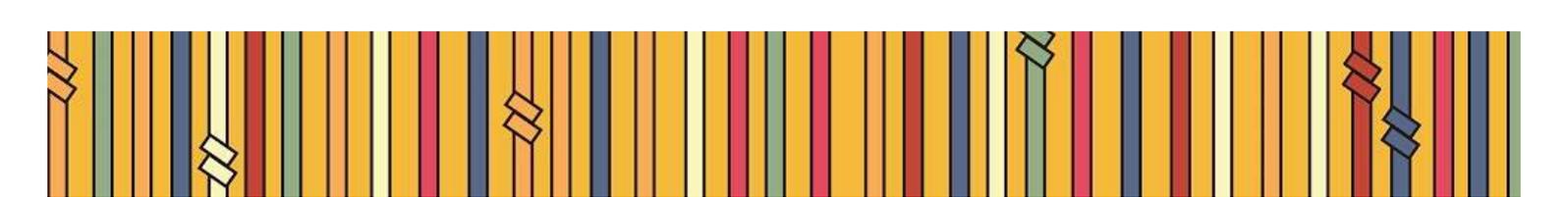
Canudos foi erguida por habitantes destituídos de qualquer perspectiva de uma vida digna. Se há loucura nisso, a resposta dada pelo Estado brasileiro revelou o manicômio que é viver sob o poder de Estado. Em 5 de outubro de 1897 termina o massacre de Canudos. Não sobra ninguém, praticamente. De lá, até hoje nos respinga tal incompreensão e intransigência. Um espaço interseccionado na história brasileira que deveria ser lembrado para assinalar e arregimentar forças com outros milhares de exemplos para, quem sabe um dia, a socialidade livrar-se do Leviatã. Uma herança notável da desgraça executada, pela presença grandiosa nos centros urbanos, foi a ocupação da cidade por favelas, palavra disseminada pela guerra de Canudos. De uma planta abundante na região e em cujo morro soldados acamparam nasceria o nome de imensas comunidades habitacionais construídas nos morros do Rio de Janeiro, onde ex-soldados, depois da guerra, foram residir cansados de esperar a paga do exército pelos seus “serviços prestados”.

O arraial de Canudos, mesmo destruído, ainda continua boiando na superfície das duzentas milhas brasileiras, uma espécie de retorno do recalçado. Antônio Conselheiro representaria para Euclides, transformado de um simples fanático em um bravo incompreensível, a virada em sua vida intelectual, política e pessoal.

Assim como Antonio Conselheiro<sup>2</sup>, Euclides, posteriormente, viverá situações particularmente fatais, fechando uma história iniciada ainda na infância. Mortes em profusão se seguiram nos mais diversos círculos de sua existência. Ainda jovem, como sabemos, após uma longa ausência de casa, já no Amazonas, Euclides, ao descobrir e tentar reparar a “honra” ferida, é morto pelo amante de sua esposa em 15 de agosto de

---

<sup>2</sup> “Filho de um comerciante de Quixeramobim, no interior do Ceará, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, iniciou sua peregrinação mística na década de 1870, depois de ter sido abandonado pela mulher, que fugira com um policial. Seus familiares participavam, desde a década de 1830, de um sangrento combate contra um clã inimigo. Para Euclides, tal luta entre famílias teria criado uma “predisposição fisiológica” nos seus descendentes, que tornou hereditários os rancores e as vinganças, de modo semelhante aos personagens trágicos dos mitos gregos.” (VENTURA, acesso em: 09 de março de 2014).



1909. Seu filho, Euclides Filho (Quidinho), sete anos após será morto também por Dilermando de Assis, o assassino do pai. No mesmo ano, 1916, o filho mais velho, Sólon, delegado, é assassinado no Acre. Desse modo, dois de seus filhos não sobreviveram muito tempo a sua morte. E os dois serão mortos nos rastros do pai, seja pela idéia de vingança, seja pelo desejo de se embrenhar nos recantos do país. O tortuoso, porém, não termina aí.

### **O futebol, o escritor, um jogador, triangulações e uma tragédia familiar**

O futebol, no Brasil, da sua difusão inicial a sua total massificação, sempre causou celeumas, criando detratores e aficionados, tanto entre a população de modo geral, como entre os intelectuais em particular. Inicialmente, os defensores apelavam tanto para argumentos com vistas à educação física e à formação espiritual, como para o adestramento patriótico. Ou seja, de saída, o futebol já foi interceptado como um esporte privilegiado para a construção do caráter nacional. No entanto, havia os contrários, também por motivos sociais, mas, principalmente, por enxergar no chamado esporte bretão a reverberação e o prolongamento de uma sociedade elitista, racista e europeicêntrica. Esse debate se prolongou – e talvez ainda encontre certa força na atualidade – pelo menos até a ditadura militar de 1964 em que a seleção brasileira era laureada como a pátria de chuteiras. Desse modo, para parte dos intelectuais, o futebol representaria a alienação, o ópio do povo, uma cortina de fumaça para encobrir a exploração econômica e a opressão política. Por sua vez, para a grande maioria dos torcedores e jogadores, intelectualismo no futebol é coisa de quem não entende ou não é ou nunca foi boleiro. Haja vista a desconfiança em relação aos técnicos de futebol que usam um linguajar com firulas eruditas. Esses são acusados, inclusive por muitos jornalistas, de “teóricos” e que não entendem do riscado porque nunca atuaram dentro das quatro linhas. Tal choque de opiniões atravessa a história do futebol no Brasil, deixando evidente que a convivência conflitante nesse esporte não se resume apenas às torcidas, mas faz parte do repertório de muitos de seus cronistas. Ou seja, desde sempre ele deixou de ser apenas um esporte e habita um espaço fundamental e flutuante no imaginário político e ideológico da sociedade brasileira. Dois ótimos trabalhos onde isso pode ser melhor entendido são os livros *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*, de Mauro Rosso (2010); e *Veneno remédio*, de José Miguel Wisnick (2008). O segundo, uma obra de cunho bem mais abrangente, analisa, entre outras

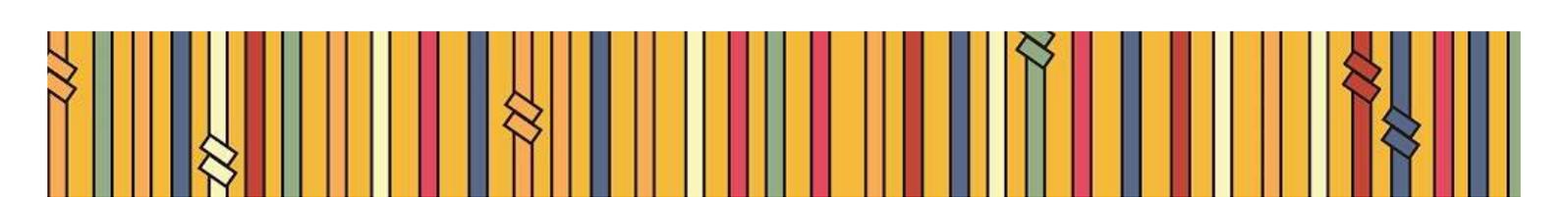


coisas, exatamente essa capacidade do futebol causar tanta polêmica e ao mesmo tempo tornar-se inapreensível por sua força de atravessar as classes sociais e arrebatador torcedores, descaracterizando qualquer clube de futebol como um representante exclusivo de um determinado segmento social. Ali o autor também chama a atenção para a relação oblíqua que se estabeleceu entre o intelectual e o futebol.

O leitor a quem se dirige esse livro não é evidente: em geral, quem vive o futebol não está interessado em ler sobre ele mais do que a notícia de jornal ou revista, e quem se dedica a ler livros e especulações poucas vezes conhece o futebol por dentro. [...] mais do que um desconhecimento recíproco entre as partes, pode-se falar, de fato, de uma dupla resistência. Viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele. Os pensadores, por sua vez, à esquerda ou à direita, na meia ou no centro, têm muitas vezes uma reserva contra os componentes antiintelectuais e massivos do futebol, e temem ou se recusam a endossá-los, por um lado, e a se misturar com eles, por outro. [...] o futebol como o nó cego em que a cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível. (WISNICK, 2008, p. 11-12).

O primeiro, mais restrito, faz um estudo sobre o confronto, a partir da inserção e larga expansão do futebol na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, entre os escritores Lima Barreto e Coelho Neto. Paradoxalmente, para o olhar de hoje, Lima Barreto um homem de origem mais humilde e defensor de uma “literatura engajada” tornou-se um ferrenho adversário do futebol, contra Coelho Neto, um de seus grandes e importantes defensores. A literatura de Coelho Neto, seguindo a corrente de “o sorriso da sociedade”, terminava por ir ao encontro do futebol do início dos anos 1900 que era praticado e pensado como um esporte de, da e para a elite político-econômica.

Nesse contexto viveu Euclides da Cunha. Até onde se sabe, o escritor não deixou opinião registrada sobre o futebol, não aparecendo em colunas veiculadas sobre a questão, embora – pelas ideias da época, seu interesse gritante sobre a temática da nacionalidade, da raça como conceito privilegiado nos debates sobre a implementação de um grande país – seja possível especular que o assunto não lhe passasse ao largo, pois, muitos escritores, a exemplo de Gilberto Freyre, se posicionaram sobre o tema.



É fato que, pelo menos, um desses textos – o de Gilberto Freyre<sup>3</sup> na véspera do jogo entre Brasil e Itália pela Copa do Mundo de 1938 – não se limitou às polêmicas que o tempo se encarregaria de arquivar. Freyre, sem prever que o Brasil perderia aquela semifinal, exaltou em jornal do Recife a malícia, a malandrice, a plasticidade, a inventiva, a sinuosidade dos nossos craques, atribuindo ao sangue negro e mulato a arte que, na ocasião, encantava a França e se impunha aos times europeus [...]. (MÁXIMO: ROSSO, 2010, p. 14).

Contudo, o inescapável encontro de Euclides com o futebol, ou pelo menos com um player, como se dizia na época, ficou reservado a um dia aziago, sobretudo para o jogador que, talvez, estivesse no lugar errado na hora errada e não tinha nada a ver com o imbróglio envolvendo o triângulo amoroso entre seu irmão e a esposa – que já não suportava mais a convivência com o marido – do importante e famoso escritor. Os astros regem de modo estranho as coisas. Dessa desventurada confluência e da violência daí resultante, duas carreiras foram destruídas: a do respeitado intelectual, refém do código mor(t)al da rigidez patriarcal, e a do jovem futebolista.

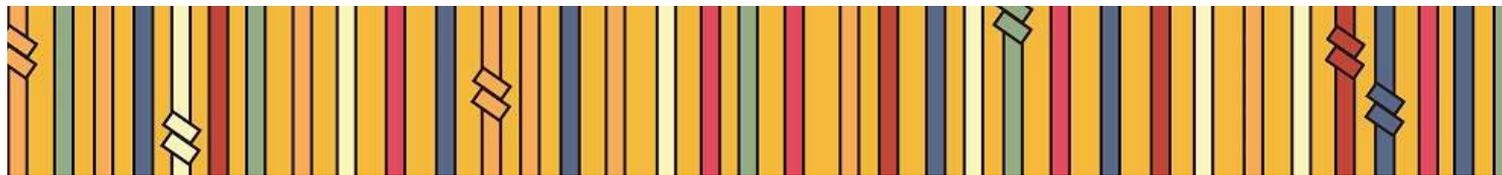
Na manhã de 15 de agosto de 1909, quando Euclides invade a casa de Dilermando de Assis, o jovem amante – onde também se encontrava Anna a esposa “adúltera”, segundo os jornais da época, que o abandonara –, e atira para matá-lo (foi para “matar ou morrer”), havia um outro jovem, e atleta, no local: o irmão de Dilermando, Dinorah de Assis. Ao tentar conter Euclides da Cunha, que estava armado, termina por ser alvo de três disparos, tendo um se alojado em sua nuca. Euclides duela com Dilermando, que termina por matá-lo com um tiro no peito. Dinorah, baleado, após medicado é aconselhado a não retirar o projétil. Dinorah, jogador do Botafogo Futebol Clube (ainda não havia se fundido com O Clube de Regatas Botafogo<sup>4</sup>) jogará todo o campeonato de

---

<sup>3</sup>Trata-se do artigo: “Foot-ball mulato”, publicado originalmente no *Diário de Pernambuco* em 18.06.1938. Disponível em: <[http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto\\_freyre.pdf](http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf)> Acesso em: 05/04/2014.

<sup>4</sup>Reza a lenda que essa fusão ocorreu sob o signo de uma fatalidade. Pelo menos é o que se lê na história do clube: “O Botafogo de Futebol e Regatas nasceu oficialmente no dia 8 de dezembro de 1942, como resultado da fusão de dois clubes com o mesmo nome: o Club de Regatas Botafogo e o Botafogo Football Club. Os dois clubes tinham suas sedes no bairro de Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro, e se uniram depois de um triste fato.

No dia 11 de junho de 1942, os dois clubes disputavam uma partida de basquete pelo Campeonato Estadual e o jogador Albano, do Botafogo F. C., durante o intervalo, caiu em quadra, vítima de um ataque fulminante. A partida foi interrompida a dez minutos do final, quando o placar marcava CRB 21 x 23 BFC. O corpo de Albano saiu da sede de General Severiano e, quando passava em frente ao Mourisco Mar, o então presidente do C. R. Botafogo, Augusto Frederico Schmidt, disse: ‘Comunico nesta hora a Albano que a sua última partida resultou numa nítida vitória. O tempo que resta do jogo interrompido os nossos jogadores não disputarão mais’. O então presidente do Botafogo Football Club, Eduardo Góis



1910 com a bala cravada no corpo. Naquele ano foi campeão pelo clube. Segundo alguns registros, encerrou a carreira em 1911.

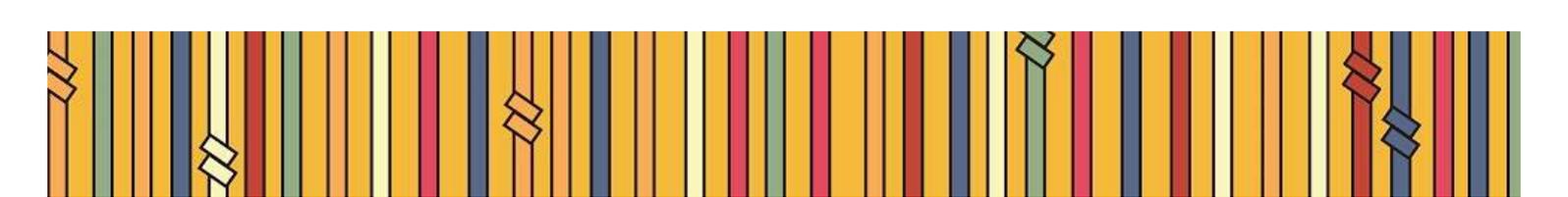
Desse improvável encontro divisamos elementos perversos da sociedade brasileira, patriarcal e competitiva, que combinaram-se, aniquilando quem não tinha nada a ver com a história: a moral monogâmica, a honra traída, a vingança pessoal atingiram-no, tornando-o hemiplégico, mendigo, louco, fracassado. Da glória nos gramados a pária social, o que não é incomum nesse tipo de sociedade, antes sendo sua lógica maquínica, sua vida foi vertiginosa.

Ao extrair a bala em 1913, os movimentos do ex-jogador, que já vinham se reduzindo, acentuam-se cada vez mais. Gaúcho, retorna para o Rio Grande do Sul, desgostoso, torna-se alcoólatra, suicida-se com 32 anos no rio Guaíba em 1921. A chamada tragédia da piedade, assim, faria outra vítima fatal. Desse modo, o clube se firmaria sob o signo dessa tragédia, pois o primeiro título é marcado pela participação de Dinorah. Euclides da Cunha, ironicamente, testemunha e denunciante da violência do Estado contra inocentes sertanejos, enreda-se nas mesmas malhas do poder ao encarnar o código messiânico e patriarcal, sacar de sua Smith & Wesson e enfiar uma bala nas costas do jovem jogador.

Contudo, iniciando-se no casamento e culminando no adultério, tal drama envolvendo história, tragédia social, ciência, literatura, talvez tenha por destino encerrar o seu ciclo no futebol. Pois, se o craque do Botafogo foi vitimado pela arma do escritor, Afonsinho (Mauro Afonso, batizado como Afonso), o filho caçula de Euclides da Cunha e único a deixar descendente, também veio a ser jogador, atuando pelo time do Cordeiro, município vizinho de Cantagalo (terra de Euclides), porém, no rastro de Dinorah, o Botafogo seguiu adiante, colecionando histórias, campeonatos e jogadores dramáticos, como Heleno de Freitas e Garrincha, o anjo das pernas tortas: caminhos tortuosos que se cruzaram e difíceis de se desfazerem. Talvez estivessem mapeados nas estrelas, ou apontados nos oráculos.

---

Trindade, respondeu: ‘Nas disputas entre os nossos clubes só pode haver um vencedor, o Botafogo!’ Schimidt então selou a fusão: ‘O que mais é preciso para que os nossos dois clubes sejam um só?’” (BOTAFOGO FUTEBOL E REGATAS, acesso em: 02/03/2014).



## Referências bibliográficas

BOTAFOGO FUTEBOL E REGATAS. [2010]. História. Disponível em: <<http://www.botafogo.com.br/historia.php?cat=oclube>> Acesso em: 02 de março de 2014.

COSTA LIMA, Luiz. *O controle do imaginário & A afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Terra ignota: a construção de os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2. ed. Edição, Prefácio, Cronologia, Notas e Índices de Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial / Arquivo do Estado / Imprensa Oficial SP, 2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outros sacos: ensaios críticos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MÁXIMO, João. Apresentação. In: ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

VENTURA, Roberto. [s.d.]. Euclides da Cunha: A História como Tragédia. Disponível em: <<http://www.albertolinscaldas.unir.br/tragedia.html>> Acesso em: 09 de março de 2014.

WISNICK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.